

Engenheiros desaprovam elitismo

BRASÍLIA — Longe de ser recebida com fogos de artifício, a decisão do conselho da Unesco de transformar Brasília em Patrimônio Cultural da Humanidade foi considerada pelos engenheiros e arquitetos do Distrito Federal um perigoso respaldo a uma medida "autoritária, casualística e elitista": o tombamento do Plano Piloto, decretado em 14 de outubro pelo governador José Aparecido.

— É uma simples honraria, concedida graças a uma jogada política do governo, mas que vem conferir irreversibilidade ao tombamento que ele mesmo decretou — protesta o presidente do Sindicato dos Arquitetos do Distrito Federal, Felipe Torelly.

— Mais uma vez, o governador toma uma decisão autoritária, sem consultar a comunidade, atropelando os trabalhos de uma comissão instituída pelo próprio governo do DF, com participação do Pró-Memória e da Universidade de Brasília, que procurava exatamente uma legislação adequada para preservação do patrimônio histórico e cultural da capital — lembra o presidente do Sindicato dos Engenheiros do DF, Maurício Garcia.

Para o presidente do Sindicato dos Arquitetos, o decreto de tombamento congela a cidade como está, quando o que é preciso é uma legislação que perserve a qualidade de vida.

O que os arquitetos e engenheiros acham é que só vale a pena tomar uma cidade ameaça-

da de descaracterização e que já esteja totalmente consolidada, como Ouro Preto, por exemplo.

— Ocorre que Brasília tem apenas 27 anos, foi projetada para ter 500 mil habitantes no ano 2000 e tem 1,7 milhões hoje, 700 mil dos quais no Plano Piloto. Enfim, é uma cidade ainda em processo de consolidação, cujos erros vão ficar, com o tombamento, cristalizados.

Os arquitetos citam, como exemplo, o caso do Eixo Rodoviário, mais conhecido como Eixão, palco de incontáveis atropelamentos e que, agora, dificilmente ganhará a construção de passarelas para pedestres, e da Estação Ferroviária, considerada uma verdadeira câmara de gás, pelo tráfego intenso dos ônibus no seu subterrâneo.

Para o presidente do Sindicato dos Engenheiros, o decreto do governador do DF "mais parece a preservação do espaço para a elite viver".

— É preciso descentralizar Brasília e entender às cidades-satélites, hoje meras cidades-dormitórios, as mesmas condições de vida do Plano Piloto — reivindica Maurício Garcia, lembrando que o projeto de expansão do arquiteto Lúcio Costa prevê a construção de "quadras econômicas", com apartamentos de apenas 45m² para uma família viver. "Está sendo criada uma geração de neuróticos", adverte.